

## INTERVENÇÕES NA ÁREA URBANA DE BRACARA AUGUSTA (1983)

Manuela Delgado  
Lino Augusto Tavares Dias  
Francisco Sande Lemos  
Alexandra Gaspar Pascoal

### 1. Prospecções no terreno da antiga fábrica Cardoso da Saudade

Foi a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho informada de que estavam previstas obras para montagem de infraestruturas necessárias à construção dum edifício numa área junto ao Largo de S. Paulo, em terrenos conhecidos por «quintal da fábrica do Cardoso da Saudade» (Est. I).

Limitada a Norte pela Rua de S. Paulo, a Este pelo Largo de S. Paulo, a Sul e a Oeste por terrenos privados, esta zona constitui uma das zonas-chave para o estudo de *Bracara Augusta*.

De facto já em 1918 J. Leite de Vasconcelos refere a existência dum tanque com mosaicos e várias inscrições romanas encontradas no quintal da casa então habitada por Fernando Castiço (VASCONCELOS, 1918, 358); por outro lado as obras realizadas no Seminário de Santiago conduziram à descoberta dum peristilo duma *domus* revestido de mosaicos dos séculos III/IV com representação de peixes e golfinhos, conjunto esse salvo graças à acção do reitor do referido seminário, cónego Dr. Luciano dos Santos.

Mais tarde, J. J. Rigaud de Sousa e Maria de La Salette da Ponte procederam a trabalhos de sondagem com o objectivo de verificar se o edifício encontrado no claustro do Seminário se estendia para o Largo de S. Paulo. Segundo os autores «os resultados foram muito diminutos pelo facto do local, em época relativamente recente, ter sofrido apreciável desaterro» (SOUSA *et alii*, 1970, 392).

Os trabalhos então realizados puseram todavia a descoberto uma série de paredes, uma conduta de ar e um cano de água «sem aparente relação entre si», e um tanque revestido de mosaicos muito deteriorados. O material encontrado é abundante, incluindo cerâmica romana de fabrico comum e cerâmica romana de importação que cobria um período entre os inícios do século I d. C. e o século V.

Os testemunhos encontrados pareciam-nos justificar uma nova intervenção que permitisse ajuizar definitivamente da importância actual desta zona no contexto do salvamento de *Bracara Augusta*.

Entre Outubro de 1982 e Junho de 1983 foi realizada uma intervenção num terreno fechado e murado com cerca de 1380 m<sup>2</sup> (Est. III-1), o qual, de acordo com informações diversas e planta da cidade de Braga, havia sido ocupado ao longo dos séculos, facto que, por si só explica a profundo revolvimento dos terrenos.

Escavaram-se 330 m<sup>2</sup> segundo sistema de quadrícula de 5 × 5 m, com banquetas de 1 m. A escavação confirmou a existência de edifícios de diferentes épocas dos quais pôs a descoberto vários muros, duas canalizações e alguns pavimentos (Est. II). O revolvimento do terreno e as destruições a que foram sujeitos os edifícios encontrados não permitem datá-los nem mesmo entender a sua articulação, tanto mais que muitas das estruturas observadas, como por exemplo, as canalizações, aparecem interrompidas abruptamente por covas feitas no terreno.

Dentre os vários muros destacamos todavia os denominados A e B (Est. II) dada a uniformidade do tipo de aparelho, a sua articulação evidente com os muros que limitam um compartimento pavimentado com *opus signinum* muito grosseiro e ainda o facto das valas de fundação do muro A e as camadas inferiores por elas cortadas terem fornecido apenas cerâmica feita à mão, castreja e romana do século I ao século IV d. C..

A construção do muro A interrompeu uma canalização anterior com fundo e cobertura em tégula e paredes de pedra.

Estes muros com travamento pouco cuidado pertenciam certamente a um edifício modesto como sugerem também as dimensões dos compartimentos e a má qualidade do *opus* que pavimenta um deles.

Esta escavação forneceu grande quantidade de material de todas as épocas cujo estudo será prejudicado pelo revolvimento a que foi sujeito o terreno, onde não se encontra uma sequência estratigráfica significativa, e onde, nas camadas mais fundas, material moderno aparece misturado com material muito antigo.

Constitui de certo modo excepção o corte agora apresentado (Est. III-2) porque, descendo à profundidade de 3 metros, forneceu apenas cerâmica pré-romana e romana, esta última representativa de produções comuns e de importação que estiveram em uso desde o século I ao século IV/V d. C..

Nas valas de fundação do muro A, além de numerosos fragmentos de cerâmica feita à mão, da cerâmica castreja e cerâmica comum romana, incluindo fragmentos de cerâmica cinzenta fina polida e de pasta creme com superfícies alisadas ou polidas muito frequentes nas sepulturas dos séculos I e II d. C. encontradas em Braga, encontraram-se também inúmeros fragmentos de ânforas, aliás muito abundantes em toda a zona, um fragmento de bordo duma tigela em cerâmica bracarense datada do último quartel do século I d. C., um pequeno fragmento de Terra Sigillata itálica de forma indeterminada, um fragmento de Terra Sigillata gálica Drag. 15/17, um fragmento de tigela hispânica Drag. 29 com decoração metopada (Est. IV, n.º 1) e vários fragmentos de tigelas Drag. 37 em Terra Sigillata hispânica tardia.

As camadas inferiores cortadas por estas valas apresentam-se totalmente remexidas, como misturado se apresenta o material daí proveniente, idêntico ao que foi encontrado nas valas do muro A. Desse material destacamos um fragmento de vidro do século I d. C. pertencente a uma taça do tipo Isings 3 (Est. IV, n.º 2), um fragmento de cálice da oficina de RASINIVS (Est. IV, n.º 3), um fragmento de

*catillus* em Terra Sigillata itálica (Est. IV, n.º 4) um fragmento de tigela gálica, Drag. 29 (Est. IV, n.º 5), fragmentos de pratos em Terra Sigillata gálica, um dos quais pertencentes a uma forma Drag. 18, (Est. IV, n.ºs 6 e 7), vários fragmentos de Terra Sigillata hispânica dos séculos I e II entre os quais uma tige!a Drag. 37 (Est. IV, n.º 8).

As conclusões a tirar dos trabalhos realizados são pobres e pouco animadoras. De seguro podemos afirmar que sob ruínas de edifícios de cronologia incerta que vêm até à época moderna existem vestígios dum edifício romano cujos limites e características não foram ainda determinados. Tal edifício foi construído entre os séculos IV/V d. C.

O remeximento do sítio e o estado de destruição em que se encontram as estruturas enterradas, já verificados em intervenções anteriores, só aconselhariam o prosseguimento dos trabalhos se estes se realizassem em extensão, de maneira a cobrirem toda a área murada, na eventualidade de vir a detectar-se eventuais vestígios significativos por si mesmos, como, por exemplo, restos de pavimentos com mosaicos. Dada porém a crescente restrição de subsídios atribuídos a trabalhos arqueológicos o prosseguimento dos trabalhos, nestes moldes, só seria conseguido em prejuízo de intervenções mais importantes, pelos resultados já obtidos noutras zonas da cidade de Braga. Por isso se admite o não prosseguimento, de imediato, dos trabalhos nesta área.

#### BIBLIOGRAFIA

- Sousa, J. J. Rigaud de e Maria de la Salette da Ponte, 1970, Novos elementos para a arqueologia bracarense, *Actas das I Jornadas Arqueológicas*, II, Lisboa, pp. 389-411.  
Vasconcelos, J. Leite de, 1918, Braga romana *Arqueólogo Português*, 23, Lisboa, pp. 356-360

## 2. Sondagem na Rua da Nossa Senhora do Leite

1. A zona envolvente da Sé Catedral foi desde sempre considerada como uma zona chave para o esclarecimento do urbanismo de *Bracara Augusta*.

A ocasião propícia à realização duma sondagem na zona surgiu quando a Câmara Municipal de Braga informou a Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho que iria proceder à substituição dos paralelepípedos da Rua da Nossa Senhora do Leite por um pavimento de grandes lajes.

Esta rua situa-se na freguesia da Sé, e prolongando a Rua do Forno, acompanha a parede Leste da Catedral, terminando a Norte no Largo D. João Peculiar e Rua do Souto (Est. I).

O seu traçado parece corresponder ao da antiga Rua de Oussias (Ussias ou Adussias), situada no coração da cidade medieval, e cortaria perpendicularmente a muralha romana, a fazer fé num dos traçados tradicionais para ela geralmente admitidos.

De qualquer modo, a Rua da Nossa Senhora do Leite foi desde sempre local de achados vários e significativos. Aí se encontraram várias bases de colunas medievais e romanas bem como alguns capitéis de época medieval; um grande mosaico; um poço; uma estatueta de Minerva; seis inscrições, uma medieval e cinco romanas, algumas reutilizadas na construção da Sé das quais salientamos uma dedicada a Isis e uma outra dedicada ao Génio de Macelo.

2. Os trabalhos de sondagem iniciaram-se em Janeiro de 1983 prolongando-se por todo esse ano<sup>1</sup>.

Teve-se como objectivos fundamentais:

— Confirmar a presença da muralha romana;

— Investigar a provável existência dum edifício romano — mercado público ou templo dedicado a Isis — como permitiam admitir as duas epígrafes referidas, sendo a existência dum templo reforçada pela possibilidade de ter havido uma transferência do culto de Isis para o culto de Santa Maria como aconteceu em Melun;

— Recolher informação para o estudo da evolução arquitectónica da Sé Catedral, considerados os inequívocos testemunhos dum primeiro projecto com transepto de três naves que pressupunha, naturalmente, uma cabeceira mais com-

---

<sup>1</sup> Salientamos o apoio da Câmara Municipal de Braga aos trabalhos realizados, nomeadamente no que respeita à deslocação de terras, pedras e entulhamento de valas.

plexa munida dum eventual deambulatório com capelas radiais, provavelmente relacionadas com a sagração de 1089<sup>2</sup>.

3. A profusão de cabos eléctricos e telefónicos, de condutas de água e canos de saneamento, assim como a reduzida largura da rua, condicionaram logo de início a marcação da quadrícula que se desenvolveu paralelamente à parede Leste da Sé, num total de 13 sectores, e conduziram ao breve abandono de alguns destes, pela impossibilidade de os aprofundar (Est. V).

Das áreas onde foi possível prosseguir a escavação, destacamos como mais significativos e férteis de informação os sectores 4, 5, 6 e 7.

A uniformidade estratigráfica e o espólio observado nestas zonas permitem-nos tecer algumas considerações sobre a sua ocupação.

A estrutura mais antiga (estrutura A) parece remontar ao século I e foi implantada na rocha.

Identificada numa extensão de 13 m, revela uma altura média de 1,40 m e 0,50 m de largura, e um aparelho idêntico nas duas faces, bastante regular e de boa qualidade formado por pedras rectangulares. Este muro foi rematado por grandes blocos rectangulares de pedra talhada (1,20 × 0,50 × 0,25 m) destinados a suportar uma colunata (Est. VI-1).

Embora não tenhamos elementos suficientes para caracterizar a funcionalidade desta estrutura, sabemos que ela foi utilizada em dois momentos distintos: o primeiro deve corresponder ao edifício original (templo? mercado?) datável do século I/II, ao qual pertence um pavimento de argila batida de cor amarela; o segundo corresponde ao lançamento de um pavimento de *opus signinum* provavelmente do século IV ou posterior. Estes dois pavimentos estendem-se para Oeste sob os alicerces da Sé.

Nas duas camadas de derrube que se sobrepõem ao pavimento de *opus* foram identificados entre outros, dois blocos provavelmente românicos. São ainda de assinalar vários muros de época indeterminada que assentam nas referidas camadas.

Mais tarde esta zona foi utilizada como local de enterramento a julgar pelas 4 sepulturas de inumação aí encontradas. Uma destas sepulturas possuía ainda restos de dois esqueletos, um dos quais de criança (Est. VI-2).

Num outro sector (sector 11) localizado mais a Sul foi posto a descoberto o alicerce de um muro orientado no sentido E/O o qual, continuando sob a Catedral, parece inflectir ligeiramente para NE, revelando uma certa tendência sub-circular. Pela sua localização seria possível pensar tratar-se de um alicerce do deambulatório referente ao antigo traçado da Sé. Todavia só a abertura de novas

---

<sup>2</sup> Agradecemos muito especialmente a colaboração do Dr. Manuel Real que desde início acompanhou esta intervenção fornecendo sugestões preciosas para a interpretação das estruturas encontradas e sua problemática.

sondagens, no sentido de tentar localizar o absidíolo central desse deambulatório, poderá verificar esta hipótese.

As escavações realizadas na Rua da Nossa Senhora do Leite revelaram-se extremamente complexas. Com efeito, os remeximentos modernos violaram as estruturas e camadas mais recentes da zona, dificultando a sua interpretação cronológica. Por outro lado, a concentração e o reaproveitamento sucessivo de muros em áreas de reduzidas dimensões impossibilitaram-nos a conveniente interpretação funcional dessas estruturas, uma vez que na maior parte dos casos não foi possível definir os seus limites.

A existência de abundantes camadas de derrube e de níveis de incêndio sem directa relação com estruturas dificultou também a interpretação do espaço envolvente da parede Este da Sé Catedral.

No entanto, apesar destas dificuldades, as escavações permitiram concretizar alguns dos objectivos inicialmente visados pelo que se revelaram bastante importantes.

Poderíamos resumir do seguinte modo os resultados obtidos:

a) Foi confirmada a existência de um grande edifício romano, cuja interpretação, só será possível com a definição das suas exactas dimensões e ângulos, para além de outros elementos que permitam avaliar a funcionalidade do edifício.

b) Verificou-se que a muralha romana não atravessava a Rua da Nossa Senhora do Leite conforme um dos traçados tradicionais habitualmente admitidos devendo localizar-se possivelmente mais a Norte.

c) As características e localização da estrutura encontrada na zona 11 permitem admitir que possa corresponder a um alicerce do deambulatório do primeiro traçado provável da Sé.

d) Para além do interesse revelado pelos resultados referidos, devemos ainda salientar que estas escavações foram as primeiras realizadas em plena cidade medieval que permitiram registar *in situ* vestígios significativos e recolher uma razoável quantidade de vasos que constituem uma boa amostragem de formas e fabricos essenciais para o estudo da olaria da Braga medieval (Est. VII).

### 3. Quinta do Fujacal: prospecções na zona da muralha

1. Os terrenos da Quinta do Fujacal situam-se na freguesia de S. Lázaro e encontram-se limitados a Sul por uma série de vivendas viradas à Rua Sá de Miranda, a Este pela Rua 25 de Abril, a Norte pelo Hospital dos Falcões e a Oeste pelos imóveis da Rua de S. Geraldo (Est. I).

2. Abrangendo uma zona tradicionalmente considerada como limite Sul de *Bracara Augusta* e o local onde passaria a sua muralha, estes terrenos têm sido desde 1977 alvo de diferentes intervenções. Assim, nesse ano, prospecções electro-magnéticas levadas a cabo pela equipa de Garchy revelaram aí a existência de várias estruturas, que posteriormente viriam a ser confirmadas por sondagens realizadas pela Unidade de Arqueologia da Universidade do Minho.

Em 1982 e 1983 os trabalhos prosseguiram numa área mais limitada, inscrita num rectângulo de  $50 \times 100$  m, tendo sido escavada parcialmente uma zona de cerca de  $150 \text{ m}^2$ . Mais a Norte e no prolongamento desta, foi limpa uma outra área de cerca de  $400 \text{ m}^2$ .

3. Estes trabalhos puseram a descoberto uma estrutura, orientada no sentido NE/SO, visível já numa extensão de 12 m de comprimento, atingindo em algumas zonas a altura de 4, 20 m. (Est. VIII-1).

Até ao momento não foi ainda possível definir com exactidão a face externa desta estrutura uma vez que ela parece coincidir com o traçado de um muro de socalco moderno. As sondagens realizadas junto ao alicerce deste muro não revelaram quaisquer vestígios de elementos de época romana.

O limite interno da estrutura, posto entretanto a descoberto, é constituído por um muro com aproximadamente 50 cm de largura que revela um aparelho, de forma, talhe e dimensão irregulares, predominando na parte superior elementos de pequenas dimensões, enquanto a inferior está organizada com grandes blocos ligados por aparelho mais miúdo.

Os sedimentos que encostam à face externa do muro parecem resultar de entulhamentos intencionais, provavelmente destinados a nivelar o terreno. O próprio material associado a estas camadas confirma-nos esta interpretação uma vez que até aos 4 m de profundidade encontramos cerâmica romana misturada com cerâmica medieval e moderna (Est. VIII-2). Apenas abaixo desta cota foi possível detectar estratos que fornecem exclusivamente material romano datável do século I. No entanto, será necessário atingir a rocha para confirmar a uniformidade deste material e datar a construção desta estrutura.

No lado interno, o muro é acompanhado por uma camada de enchimento composta por abundantes elementos de pedra. Este enchimento, por vezes reforçado por estruturas que encostam directamente ao muro, por vezes perturbado por valas de roubo de pedra, tem uma extensão não determinada embora deva estender-se até ao limite exterior da muralha.

4. Mau grado as perturbações sofridas por esta estrutura — valas de roubo de pedra, construção de uma mina que a destruiu numa área de 5 m, construção de muros de socalço modernos, que embora sigam o seu traçado destruíram o seu aparelho original — pensamos poder interpretá-la como uma fortificação.

Assim nos levam a supor a sua orientação coincidente com o traçado habitualmente admitido para a muralha da cidade romana e o tipo de enchimento que constitui o miolo da estrutura.

No entanto, e devido a problemas de diversa ordem, muitas questões se encontram ainda sem resposta, nomeadamente a sua cronologia e a definição exacta do seu limite externo.

#### 4. Salvamento na zona a Oeste do Campo das Carvalheiras

1. Em 1982 a Câmara Municipal de Braga, solicitou a intervenção da Unidade de Arqueologia na chamada Zona das Carvalheiras, no interior de um quarteirão que ocupa o canto noroeste do Centro Histórico de Braga. Para este terreno projecta o Município construir um complexo pedagógico e desportivo que sirva os habitantes dos imóveis circundantes e dos bairros mais próximos.

Considerando, por um lado, que o projecto se integra numa óptica de correcto aproveitamento dos espaços livres que a cidade actual de Braga ainda oferece, e que por outro era de rezear que no subsolo dos terrenos em questão subsistissem ruínas romanas, julgou-se ser oportuno efectuar sondagens, assegurando assim aos arqueólogos a possibilidade de elaborar um parecer fundamentado sobre o projecto. Os trabalhos de campo, decorreram durante 4 meses, entre 14<sup>o</sup> de Fevereiro e 30 de Maio de 1983 (Est. IX-1).

2. A chamada Zona das Carvalheiras situa-se a Oeste do Centro Histórico de Braga, contígua ao Campo das Carvalheiras (Est. I). A área em causa fica no quarteirão, formado pelas ruas de S. Sebastião (a Sul), Cruz de Pedra (a Oeste), Visconde de Pindela (a Norte), Campo das Carvalheiras e rua do Matadouro (a Leste), dispondo-se em longas plataformas que acompanham o sentido da vertente, para Noroeste, e que foram aproveitadas para a agricultura.

Actualmente os terrenos são propriedade da Câmara, que os expropriou com o objectivo de aproveitar o espaço para equipamento social.

De acordo com a tradição erudita a rua de Cruz de Pedra, (Est. I) acompanha sensivelmente o traçado da muralha romana. Por sua vez a rua de S. Sebastião, que fecha a Sul a área das Carvalheiras, seria um dos eixos da cidade romana (decumanus). Assim, o terreno em questão corresponde a uma parte significativa de *Bracara Augusta* a que se estendia para Noroeste.

Das 3 plataformas disponíveis para escavação foi escolhida a inferior, porquanto é neste sector que vai ser implementada a 1.<sup>a</sup> fase do projecto camarário.

As plataformas superiores serão eventualmente escavadas em anos futuros.

3. Tratando-se de um terreno amplo, com uma forma tendencialmente rectangular, e considerando o fim em vista, optou-se por uma estratégia em diagonal, procurando cruzar o terreno, segundo uma quadrícula orientada a Norte (magnético).

Foram estabelecidos quadrados de  $4 \times 4$  m, que ou foram abertos totalmente ou apenas em secções de  $2 \times 4$  m, conforme a evolução dos trabalhos.

4. No conjunto das oito zonas de escavação foram registadas estruturas em seis, verificando-se nas restantes a existência de estruturas «fantasmas» (Est. X).

Numa das valas (BRA 83 CARV 11) foram descobertas estruturas que devem pertencer a duas épocas distintas: um pavimento de pedra miúda com algumas lajes maiores disseminadas, sobrepostas a dois alicerces abertos na rocha, conservando um de'os um bloco de pedra aparelhado, com dimensões desconhecidas, visto que se enterra no perfil W.

Em BRA 83 CARV 7b a areia de alteração granítica foi cortada na extremidade sul da vala, para o que parece ser um outro alicerce. Note-se que os alicerces abertos no substrato (Zonas BRA 83 CARV 11 e BRA 83 CARV 7b) parecem alinhados entre si, numa orientação determinada.

BRA 83 CARV 6b apresenta um corte no areão granítico, orientado sensivelmente Sul-Norte. Nota-se também uma cova de aspecto quadrangular (outro alicerce?), cavada no mesmo substrato.

Finalmente há que referir um muro visivelmente tardio, que não assenta na rocha, mas sobre uma camada de terra e com uma orientação distinta, mais desviado para W, quer em relação ao corte supracitado, quer no que concerne à orientação dos muros das valas BRA 83 CARV 3, 10 b e 18.

Por sua vez, BRA 83 CARV 9b revela-nos um pavimento de lajes graníticas, polidas (pelo uso?), que desce suavemente acompanhando a linha da vertente natural. Dadas as dimensões diminutas da vala, não é possível descobrir a orientação e a efectiva função deste lajeado.

As zonas BRA 83 CARV 10b, 18b e 3 (a + b), constituem um conjunto articulado entre si, do ponto de vista das estruturas, pelo que as abordaremos em simultâneo.

Dois muros paralelos, de boa construção, assentes na rocha, fechando a norte num terceiro muro e orientados sensivelmente Sul-Norte, parecem esboçar um edifício, que estaria melhor conservado não fosse o roubo de pedra, atestado por antigas valas, bem discerníveis nos cortes.

Com este eventual compartimento de um edifício, por ora desconhecido, está em ligação um canto de muros que se observa em 3b. No entanto, esta estrutura já não assenta na rocha, devendo ser em princípio atribuída a uma época posterior. No mesmo local nota-se um ca'eiro, em barro, com uma orientação diferente das estruturas anteriores.

Finalmente, a terminar, e quanto a BRA 83 CARV 8b, constata-se que a vala não revelou qualquer estrutura significativa por si mesma, embora se observem duas covas abertas na rocha, uma delas cortando a anterior.

5. As zonas de escavação revelaram-se, no seu conjunto, pouco profundas com os estratos superiores revolvidos ou erodidos, e os inferiores perturbados por reocupações, (cuja exacta dimensão e sentido nos escapa actualmente) e por valas destinadas ao «roubo» de pedra. Apesar destes condicionalismos que impedem uma leitura estratigráfica clara, alguns cortes oferecem sequências interessantes e as camadas que se dispõem imediatamente sobre o substrato rochoso continham os elementos necessários para determinar a data da implantação das estruturas mais antigas.

Os estratos atribuíveis ao séc. I d. C., de acordo com as cerâmicas neles contidas, correspondem ao enchimento de cavidades abertas no substrato, destinadas a alicerces de pilares (BRA 83 CARV 7 e 11) e de muros (BRA 83 CARV 3 e 18), bem como de «buracos» de finalidade desconhecida (BRA 83 CARV 2).

Os níveis de ocupação correspondentes a esta fase inicial foram revolvidos, com excepção de BRA 83 CARV 18, onde se conservou um pequeno testemunho, visível entre o muro e uma vala de roubo de pedra.

Relacionada com muros, de construção diferente, não assentando na rocha e com ligeiras diferenças de alinhamento, constatou-se a existência de camadas com materiais datáveis dos séculos IV e V. Apesar de ter sido feita a análise dos cortes e do espólio, não se verificou a presença de estratos de séculos intermédios.

Parece pois que o edifício do séc. I, atestado pelos muros implantados no substrato granítico, terá sido profundamente remodelado apenas no séc. IV ou V. As reconstruções, no entanto, parecem ter respeitado grosso modo os alinhamentos originais (BRA 83 CARV 3 e 18).

Concluimos ainda, que se a ocupação inicial está bem testemunhada, já as épocas posteriores carecem dos elementos estratigráficos necessários para a sua correcta interpretação.

6. O espólio resultante das sondagens feitas na área das Carvalheiras é abundante, como é usual nas escavações de *Bracara Augusta*. No entanto não foi ainda objecto de estudo sistemático, mas apenas de uma análise preliminar, com a finalidade de determinar referências cronológicas, para a interpretação dos cortes.

Desta primeira análise conclui-se:

- a ocorrência de cerâmica dita castreja, em percentagens significativas;
- a presença de cerâmica atribuível à 1.<sup>a</sup> metade do séc. I;
- a existência de cerâmica de fabrico local, referível também àquele período;
- a existência de cerâmica importada tardia (nos estratos superiores), datada dos séculos IV e V;

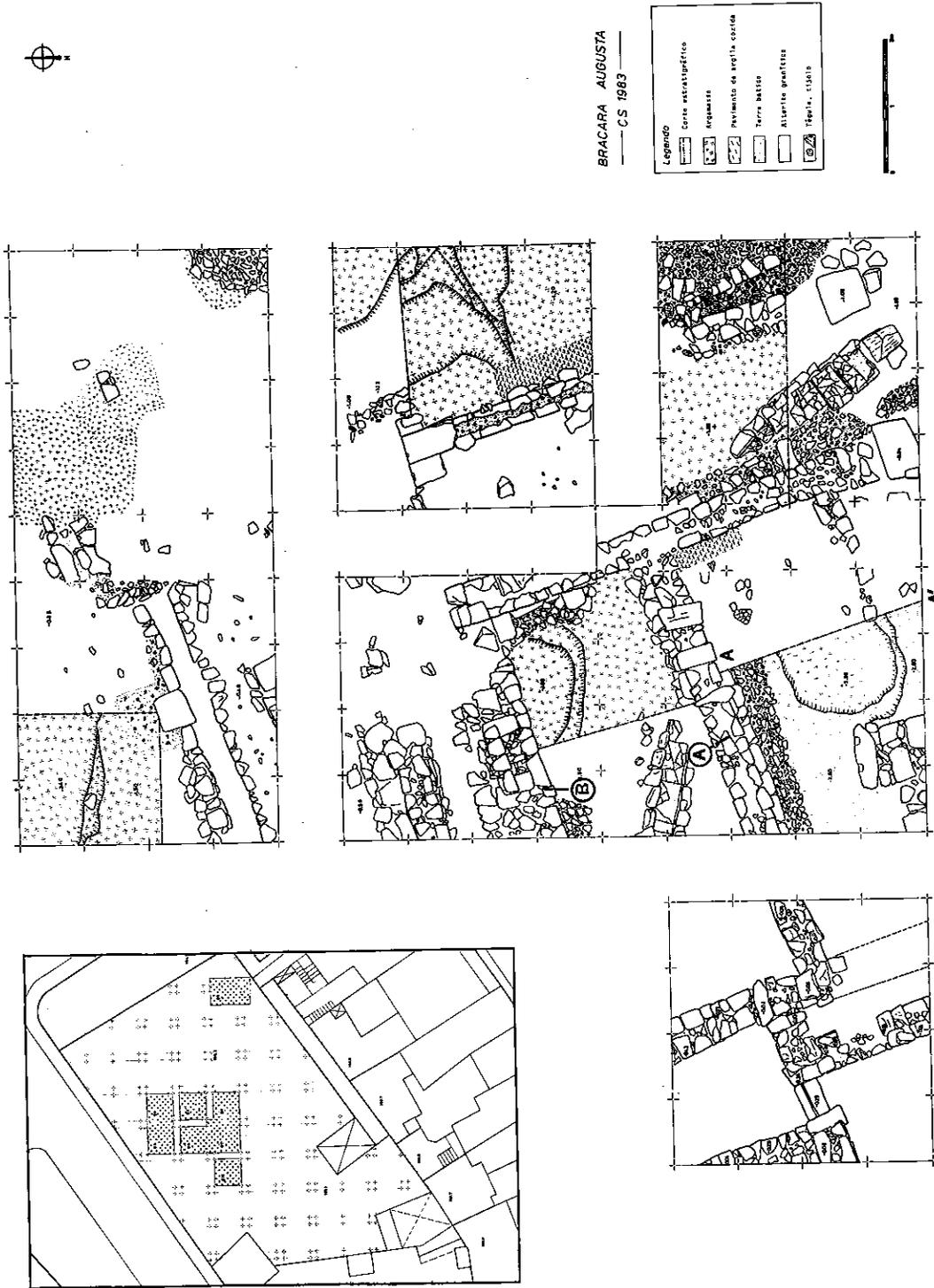
7. A nível arqueológico os resultados permitiram constatar:

- a existência de estruturas romanas, que parecem corresponder a um edifício fundado no séc. I. A caracterização do edifício é por ora problemática;

- a ocorrência de alterações posteriores e que são atribuíveis aos séculos IV e V;
- a presença de estruturas tardias da época medieval, ou mesmo moderna, que se sobrepõem aos níveis do período romano.
- o interesse científico do terreno e das estruturas, não só porque se registam níveis antigos (séc. I), como também porque a orientação dos muros descobertos irá contribuir para o conhecimento do urbanismo da cidade romana.

8. As escavações nesta zona que têm prosseguido ao longo do ano de 1984, com carácter permanente, confirmaram as conclusões acima referidas, ampliando o interesse deste sítio, pois verificou-se a existência de um cruzamento de ruas, para além de edifícios anexos.

ESTAMPA II



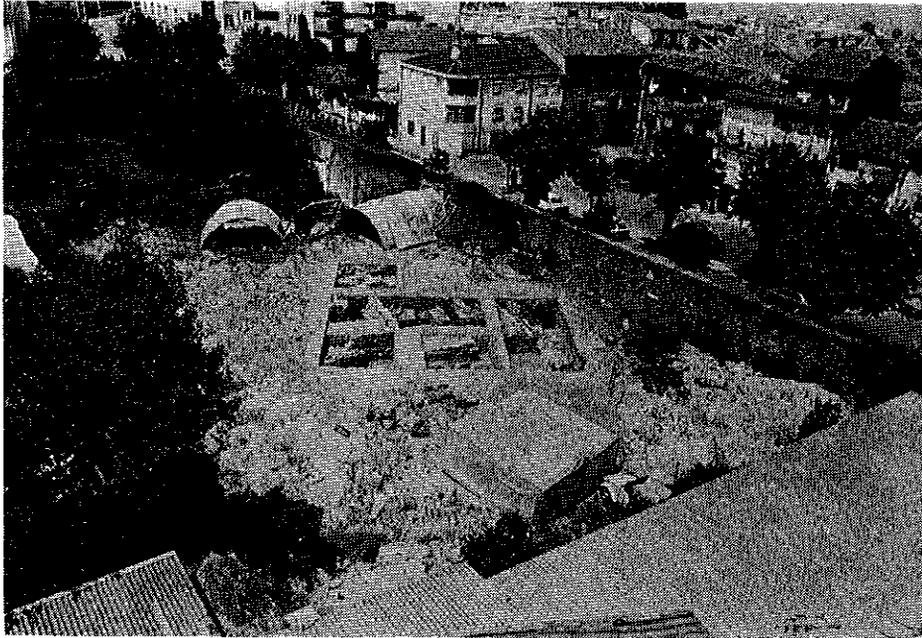
Enquadramento das zonas de escavação e estruturas encontradas, no terreno da antiga fábrica do Cardoso da Saudade.



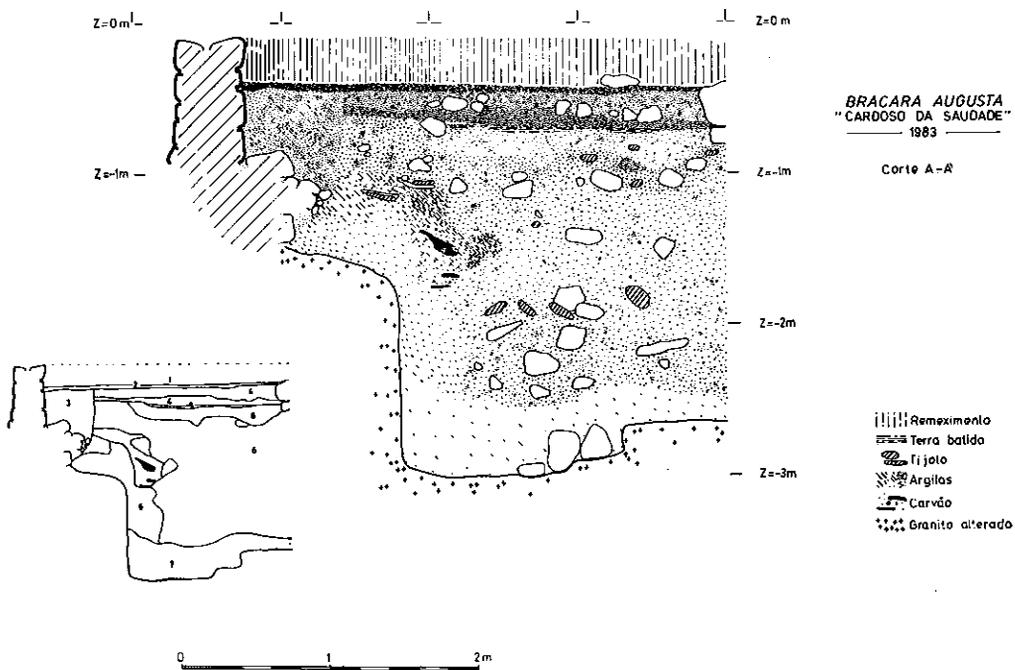
Localização das áreas intervencionadas:

- 1 Zona da antiga fábrica do Cardoso da Saudade;
- 2 Rua da Nossa Senhora do Leite;
- 3 Quinta do Fujacal;
- 4 Zona a oeste do Campo das Carvalheiras.

ESTAMPA III

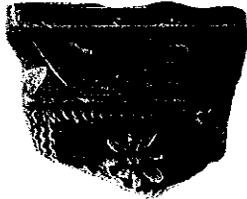


1 Panorâmica de intervenção na zona da antiga fábrica de Cardoso da Saudade.



2 Corte estratigráfico A A'.

ESTAMPA IV



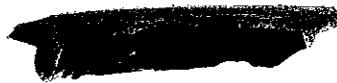
1



2



3



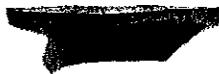
4



5



6



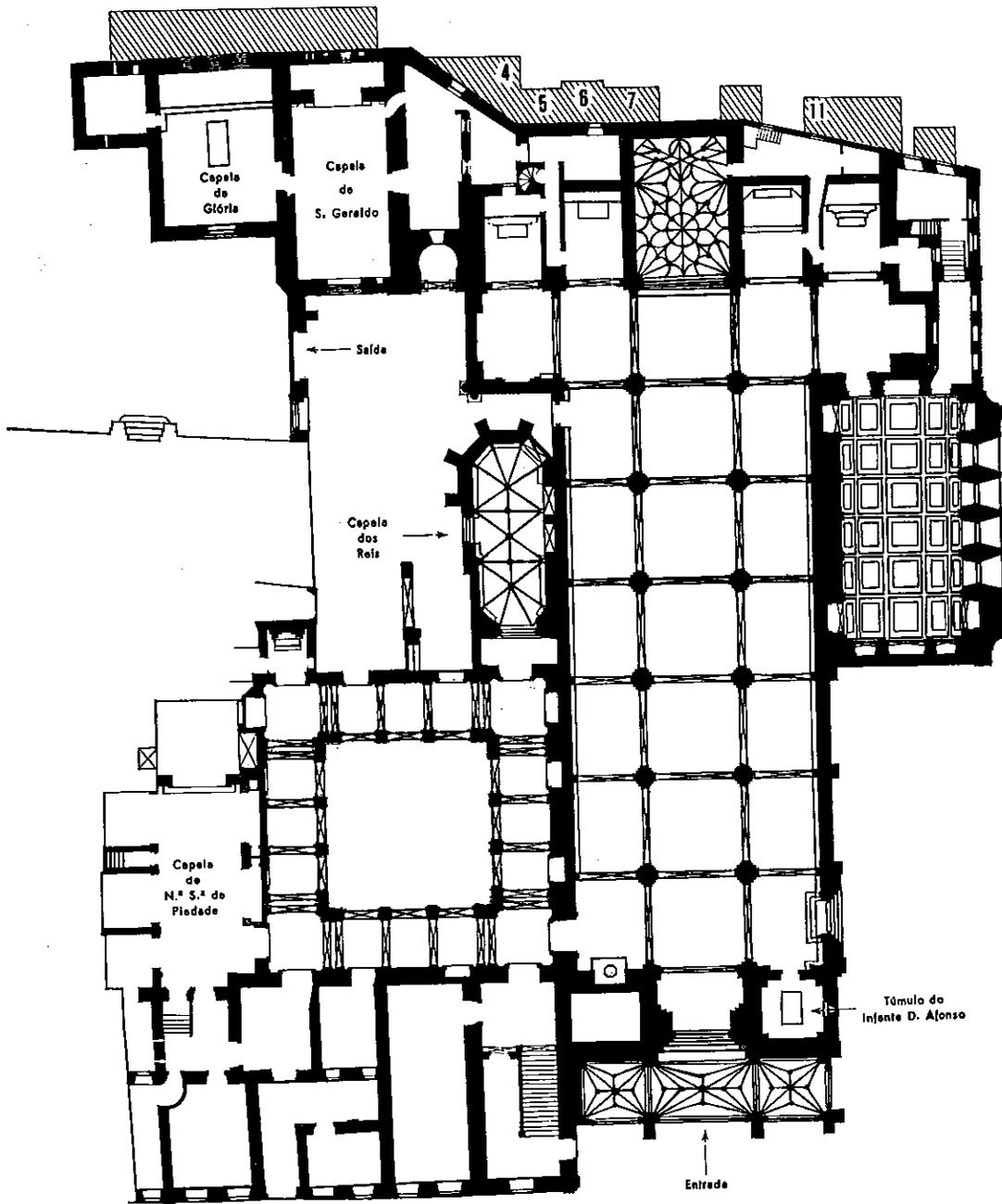
7



8

Material das valas da fundação do muro A:1. (Esc. 1:2).  
Material das camadas cortadas pelas valas: 2 a 8 (Esc. 1:2).

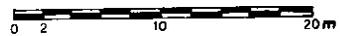
ESTAMPA V



PLANTA DA SÉ DE BRAGA

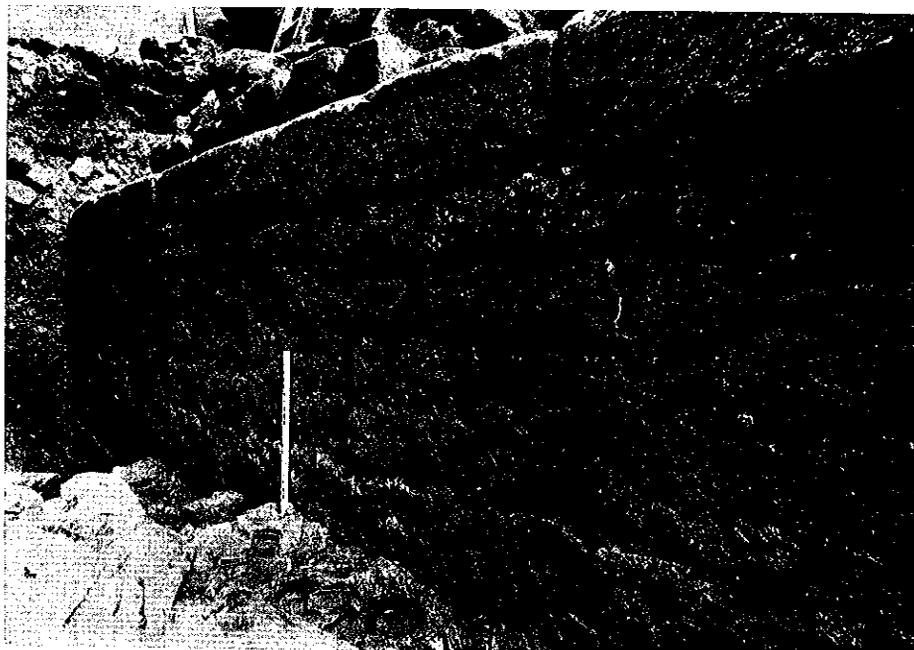
BRA89 NSL

▨ Area escavada



Planta da Sé e zona de intervenção (Esc. 1:500).

ESTAMPA VI

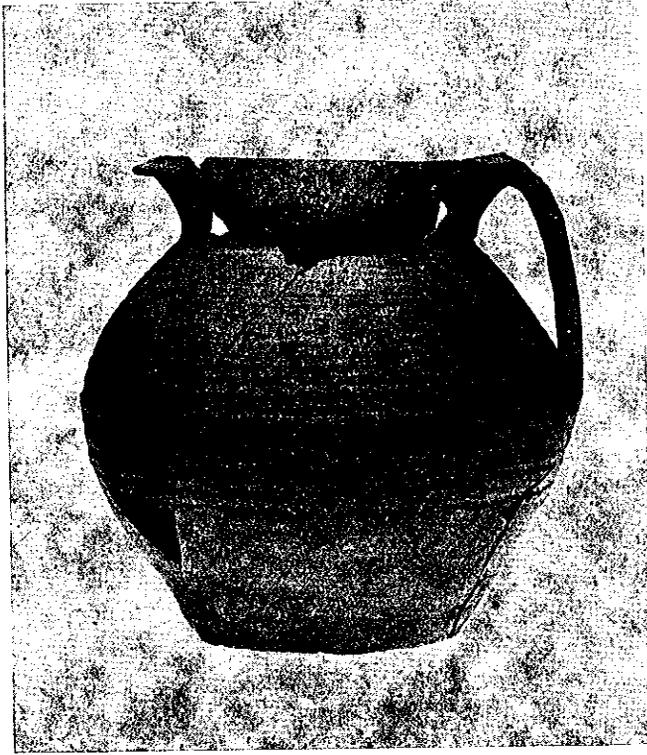


1 Face oeste da estrutura A.

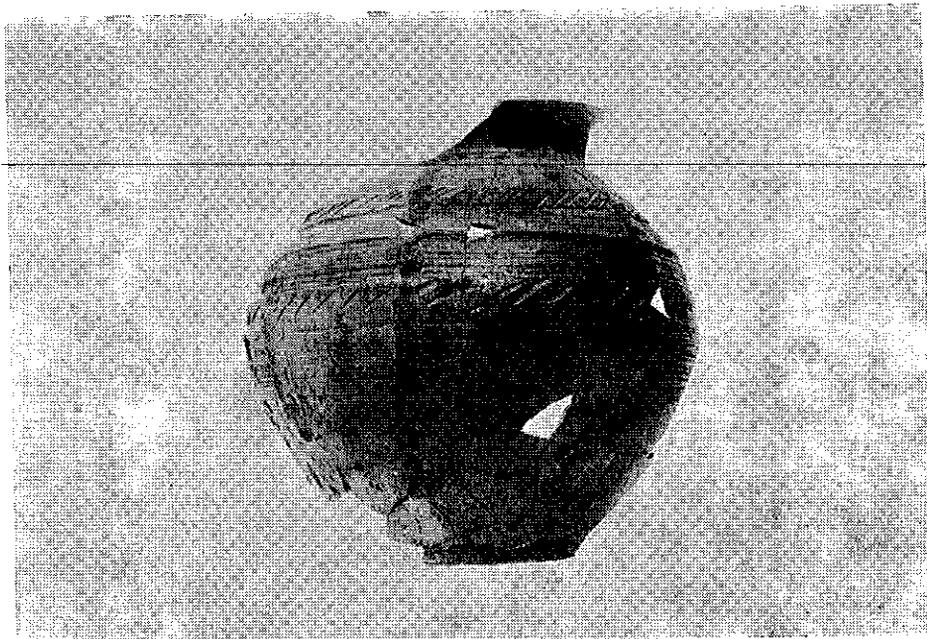


2 Sepultura tardia.

ESTAMPA VII

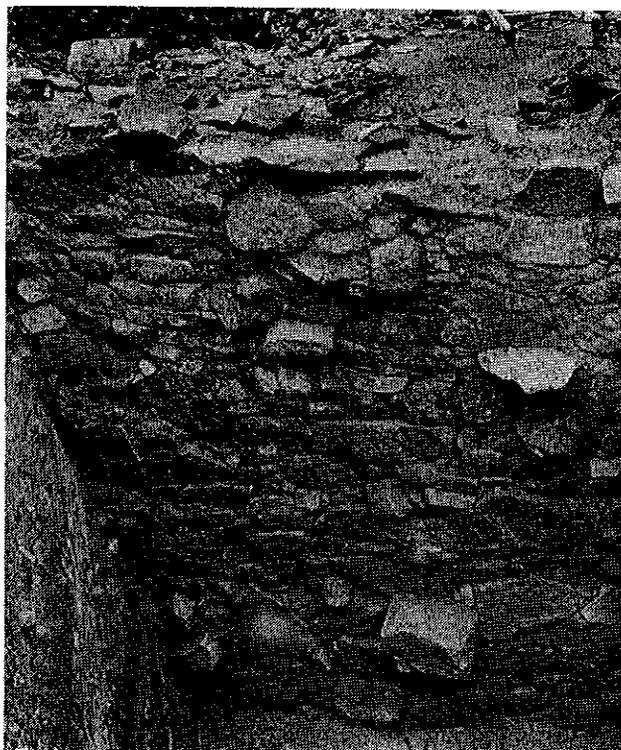


1 Cerâmica medieval. (Esc. 1:2).

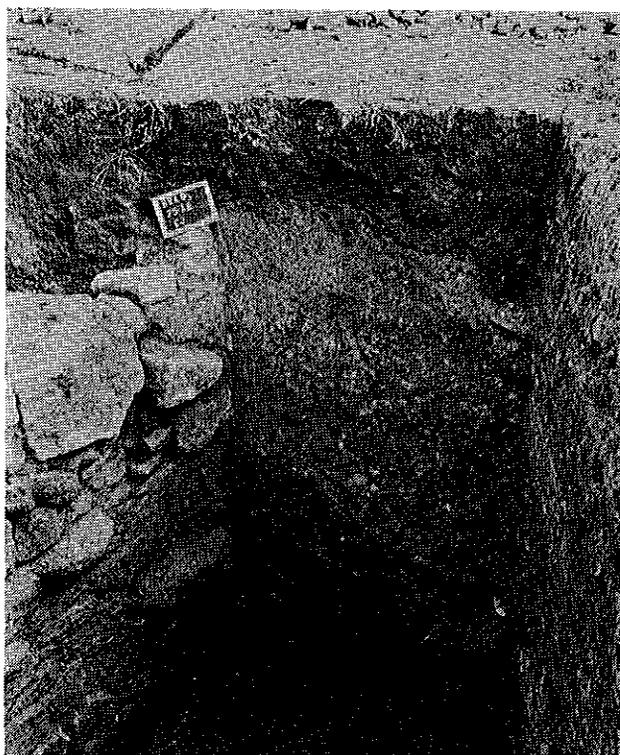


2 Cerâmica medieval. (Esc. 1:4).

ESTAMPA VIII



1 Muro.

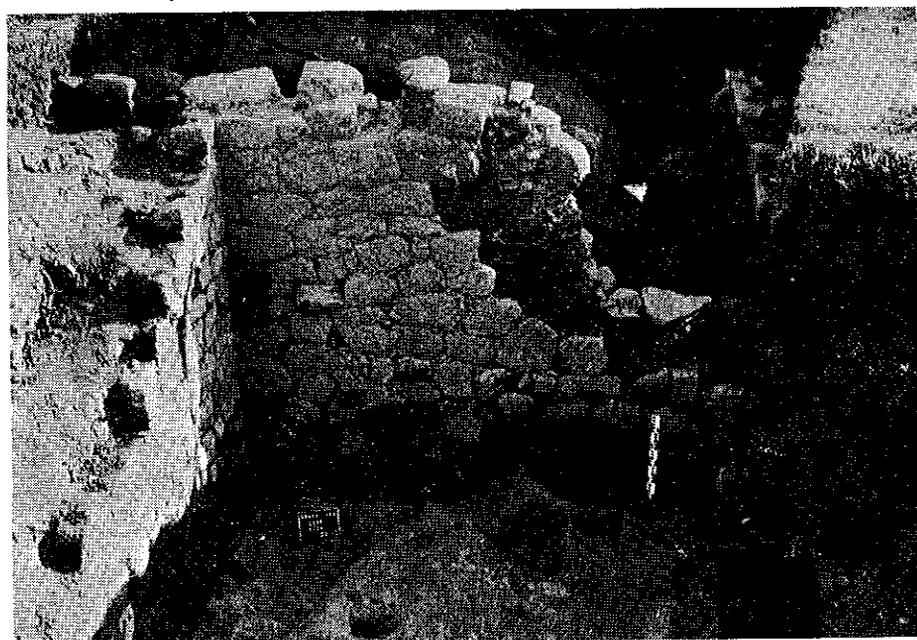


2 Camadas de entulho.

ESTAMPA IX

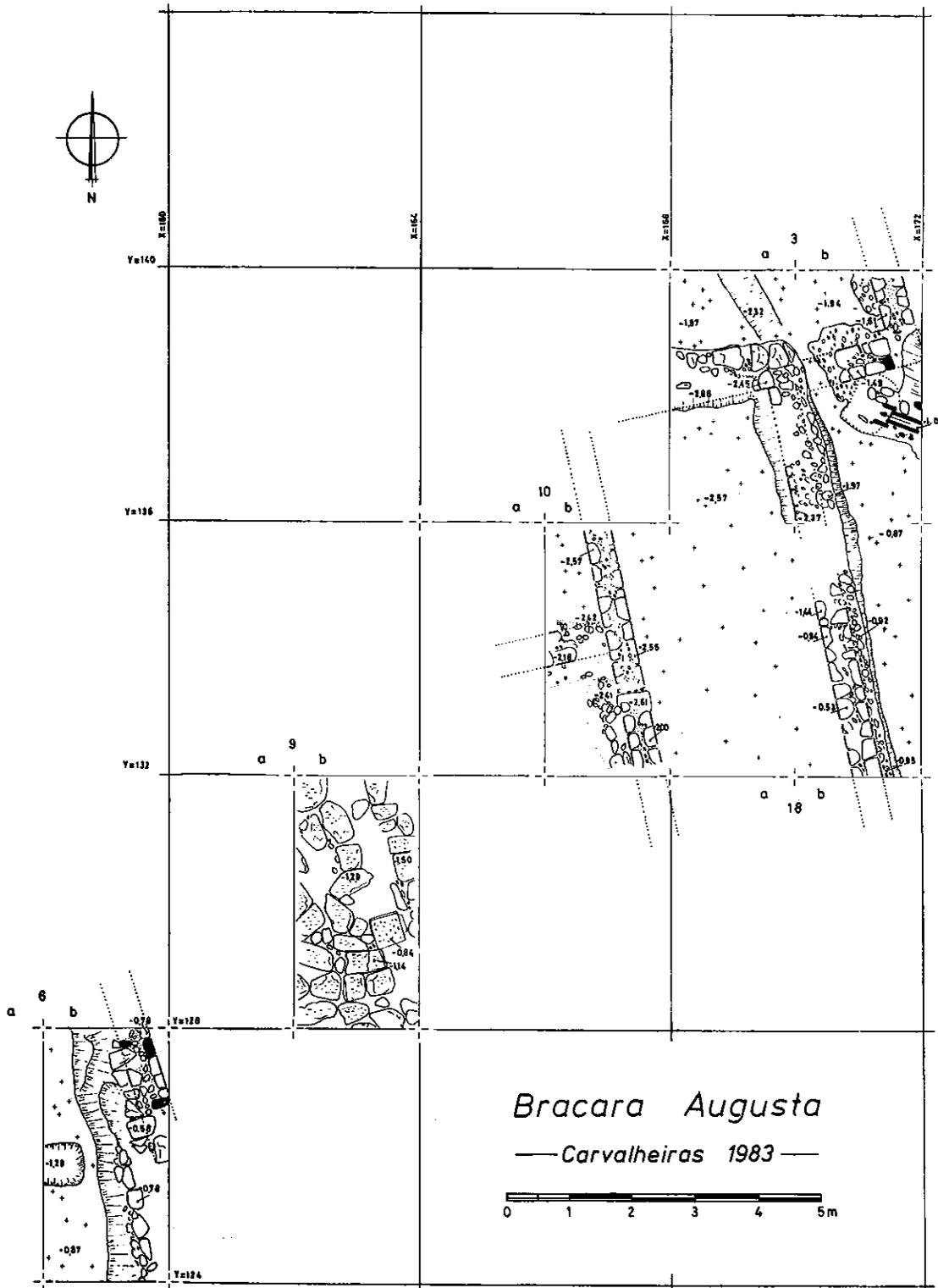


1 Panorâmica da zona de intervenção a oeste do Campo das Carvalheiras.



2 Alçado norte do muro da zona BRA 83 CARV 18.

ESTAMPA X



Planta das estruturas encontradas. (Esc. 1:100).